

jornal da tarde

Publicado pelo S.A. O Estado de S. Paulo
Av. Engenheiro Coarano Álvares, 55, tel.: 856-2122 (PABX).



JÚLIO MESQUITA
(1891 - 1927)

JÚLIO DE MESQUITA FILHO - FRANCISCO MESQUITA
(1927 - 1969)

Diretor Responsável

RUY MESQUITA

Diretores

José Vieira de Carvalho Mesquita
Júlio de Mesquita Neto
Luiz Vieira de Carvalho Mesquita
Ruy Mesquita
César Tácito Lopes Costa
José M. Homem de Montes
Oliveiros S. Ferreira

- 8 DEZ 1986

Ainda não nos livramos da "mentira original"

No seu discurso à Nação de quinta-feira passada, o presidente Sarney perdeu mais uma oportunidade preciosa de operar a mudança que, desde as primeiras manifestações pelas diretas-já, o povo deste país vem esperando: a do restabelecimento da verdade como o grande instrumento das relações entre governantes e governados.

E, mantida a "mentira original", que avaliza e torna indesmentíveis todas as outras, o discurso não poderia mesmo cumprir a função a que se propunha: a de tranquilizar a Nação e a de responder às mentiras com as quais, do PMDB ao PT, hoje se contesta e desafia a sua posição.

A intenção do presidente não foi a de reconhecer os erros cometidos, primeiro passo para propor um novo caminho. Foi apenas a de explicar a razão dos seus atos e a de justificar a permanência nesse mesmo caminho. Em se tratando da descrição de uma política econômica elvada de contradições, o discurso também não poderia escapar a elas. Mostrando-se tenso e inseguro, o sr. José Sarney gastou a segunda metade do tempo em que se dirigiu aos brasileiros para contradizer o que havia dito na primeira metade. Apresentou como "conquistas" pessoais suas a opção pelos pobres, a reforma agrária, "o mais vasto programa social de que o País já teve notícia", a resistência ao FMI e "o prestígio internacional extraordinário" de que goza o País, o fim da correção monetária e o abandono das teorias ortodoxas em economia, mas não explicou por que, então, foi necessário o Cruzado II, ou por que é preciso que o ministro Funaro esteja, hoje, entre Nova York e Washington, discutindo com o Fundo Monetário Internacional e com o Federal Reserve a situação brasileira. Ou melhor, ele disse o porquê em outra parte do discurso: "Começamos a sofrer fuga de capitais, os investimentos que deveriam ser feitos para aumentar a produção não chegaram à proporção que esperávamos, a produção não cresceu como o País necessitava, o ágio, a alta vertiginosa dos juros, o câmbio negro do dólar e de mercadorias, a crise do comércio exterior surgida dramaticamente em outubro com a queda de nossas reservas e a diminuição a um nível crítico das exportações; a crise de abastecimento e a sonegação de gêneros" são os porquês que explicam a necessidade do Cruzado II. Ele só não estabeleceu a relação de causa e efeito entre estas duas conjunturas. Ao contrário, apresentou os efeitos como causas e as causas como efeitos, quando disse que tudo isto "abalou grandemente o Plano Cruzado", quando, na verdade, foi o Plano Cruzado, sabotado desde o início pelos políticos, que — sob o silêncio conivente dos tecnocratas — torpedearam a sua coerência técnica ao congelar os preços enquanto permitiam a decolagem dos salários e a louca multiplicação das despesas públicas, que produziu todas as distorções mencionadas. Foi este Plano Cruzado, sabotado no nascedouro, que "abalou grandemente" a economia, produzindo todos estes efeitos, e não o contrário.

"Não há motivo para pânico", dizia, inseguro, o presidente. "Mas, querer fazer paralisações nesta hora, para diminuir a produção, é aumentar a falta de mercadorias, é aumentar o ágio, é dificultar a vida do povo, é esvaziar mais ainda as prateleiras." Todos fatos com que o povo brasileiro tem convivido há meses, mas que o governo reconhece agora, pela primeira vez, e não com muita tranquilidade...

Também não hesitou, sua excelência, em jogar mais lenha na fogueira da luta de classes que aqueles que disputam a sua cadeira acenderam e vêm atizando irresponsavelmente. Pintou um país dividido entre ricos e pobres com interesses antagônicos e irreconciliáveis, cujos problemas decorrem, exclusivamente, da má distribuição da renda nacional e da ação de "especuladores". Não explicou é como, havendo tantos "ricos" e tanta renda a ser distribuída, foi necessário que o governo recorresse à classe média, aos "remediados" de sempre, para conseguir o dinheiro de que precisa para manter as coisas como sempre foram na antieconomia estatal. Em vez disso jogou a sua equipe econômica "na fogueira", apresentando-se como o homem que salvou a classe média de suas sugestões de aumentos no Imposto de renda, de empréstimos compulsórios sobre os salários, do levantamento do subsídio ao trigo. Mas, mesmo assim, não deu a esta classe média nenhuma garantia de que tudo o que "conseguiu evitar" agora poderá continuar sendo evitado daqui para a frente...

Finalmente, apresentou-se como o primeiro presidente brasileiro que se decidiu a "reformar o setor público". Mas o fez ao mesmo tempo em que garantia que nenhum funcionário, mesmo comprovadamente ocioso, será demitido...

Como já temos dito tantas vezes, os problemas que o governo tem enfrentado para "vender" o Cruzado II ao povo brasileiro não decorreram de nenhuma "falha de comunicação" no momento de sua apresentação. Decorrem, isto sim, de uma falha de comunicação sistemática no seu diálogo com os governados, levados a acreditar, até o dia 14 de novembro, que estavam vivendo no melhor dos mundos, com uma economia que ia de vento em popa, onde todos os déficits e contas por pagar que ameaçavam este paraíso estavam "zeradas". Como fazer uma população assim iludida compreender a necessidade de medidas tão duras quanto as contidas no Cruzado II?

Por isso dizíamos, no início deste comentário, que o presidente perdeu mais uma oportunidade preciosa de restabelecer a verdade, de mostrar aos seus governados a verdadeira situação da economia brasileira e as causas da crise permanente em que ela vive. Se tivesse usado o seu tempo na televisão e nas rádios de todo o País para mostrar aos brasileiros onde está o buraco sem fundo da economia nacional que é preciso estar sempre tentando — inutilmente — encher com estes pacotes; se mostrasse por que, mesmo com a arrecadação de ICM — para mencionarmos apenas a maior das fontes de arrecadação que cresceram — tendo aumentado 246% este ano, os pacotes continuam — e continuarão sempre — sendo insuficientes; se mostrasse ao povo brasileiro por que interessa aos políticos e aos burocratas da nomenclatura estatal, que tiram o seu poder da manipulação das verbas e dos cargos públicos, manter esse buraco permanentemente aberto; se lhes revelasse, sem subterfúgios, que tudo continuará como sempre foi, com os pacotes se sucedendo aos pacotes cada vez maiores e mais brutais, enquanto não se tomar a decisão de adequar o tamanho do Estado brasileiro à real condição da Nação de sustentá-lo, então sim, poderia convocá-los para um pacto social; para um esforço conjugado destinado a resolver definitivamente este que é o único grande problema nacional. Mas não para pedir-lhes que aceitem medidas decretadas destinadas a amenizar, por mais um breve período, os efeitos desse problema crônico, e a manter intactas as suas causas originais.

Se tivesse dito tudo isso, e depois pedido "sangue, suor e lágrimas" do povo brasileiro, ele certamente não os negaria. Mas o presidente preferiu continuar ocultando a verdade, cavando um abismo em seu próprio caminho, no qual fatalmente cairá quando, logo adiante, tiver de decretar tudo que conseguiu evitar decretar neste Cruzado II, porque também ele será insuficiente. É por causa desta "mentira original" que o PMDB pode continuar, indefinidamente, lançando "manifestos econômicos" com gosto de oposição, como se os economistas que estão gerindo a nossa economia não fossem os economistas do PMDB, e como se os seus planos não

tivessem fracassado exatamente em consequência das concessões demagógicas nele introduzidas de modo impositivo, pelos políticos do PMDB para que o "seu espaço" — a coisa pública e o poder de manipulá-la — não fosse ameaçado. É por causa desta "mentira original" que os contestadores do condomínio PT/CUT podem continuar gritando indefinidamente que a saída para escapar aos efeitos do irrealismo de nossa política econômica e do intervencionismo estatal que vai paralisando a nossa economia, abafando a nossa capacidade de produzir e de competir no mercado internacional, e ameaçando o salário e o emprego de nossos trabalhadores, é mais irrealismo e mais intervencionismo ainda.

É por não ter a coragem de fazer a autocrítica necessária para se libertar dessa mentira original que o presidente Sarney continua com as mãos amarradas para enfrentar os que o desafiam... para que, se vencerem esse desafio, tudo continue ainda mais igual ao que sempre foi.